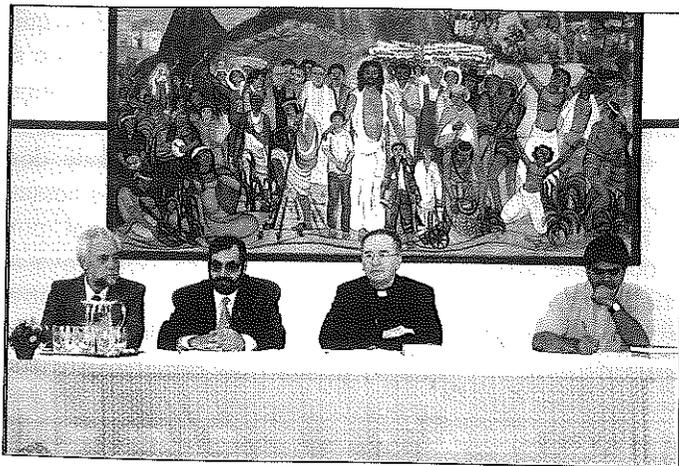


INSTITUTO DE DIREITO CANÔNICO "PE. DR. JOSÉ BENITO PEGORARO"

(Incorporado à Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção)



Aula inaugural prelecionada no dia 1º de março por D. Cláudio Hummes, Grão-Chanceler. Presentes à mesa da esquerda para a direita: Côn. Dr. Martin Segú Girona, Diretor do Instituto de Direito Canônico "Pe. Dr. José Benito Pegoraro", Pe. Dr. José Benedito Simão, Diretor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e Pe. Dr. Cesar Teixeira, Secretário Geral.



PERSPECTIVAS DE DIÁLOGO CATÓLICO JUDAICO PARA O ANO 2000

Pe. José Bizon

Depois de séculos de desencontros, perseguições, mortes, e da terrível catástrofe da II Guerra Mundial e do Holocausto, o 3º Milênio aponta sinais de esperança. Mas, sabemos que a virada do milênio não será um passo de mágica e nem uma virada calamitosa, como alguns grupos milenaristas estão anunciando. Ela será consequência de tudo aquilo que, hoje, a humanidade está semeando, cultivando e incentivando.

O passo, importante e decisivo, que trouxe esperança, na história do Diálogo Católico Judaico foi a *Declaração Conciliar Nostra Aetate*. Apesar de seu tamanho, apenas em um artigo com alguns parágrafos, ela trás um conteúdo denso e de muito valor histórico e teológico.

O documento fundamenta, para a Igreja Católica, o caminho do diálogo entre Católicos e Judeus: "sendo pois tão grande o patrimônio espiritual comum aos cristãos e judeus, este Sacrossanto Concílio *quer fomentar e recomendar a ambas as partes mútuo conhecimento e apreço*. Poderá ele ser obtido principalmente pelos estudos bíblicos e teológicos e ainda por diálogos fraternos".

Outro ponto importante que gostaria de salientar aqui é a atitude corajosa da Declaração em relação à

intolerância: a Igreja *reprova* toda a perseguição contra quaisquer homens, lembrada do comum patrimônio com os judeus, não por motivos políticos, mas impelida pelo santo amor evangélico, *lamenta*, os ódios, as perseguições anti-semíticas, em qualquer tempo e por qualquer pessoa dirigidas contra os judeus". (NA 4).

Para Católicos e Judeus que acreditam no diálogo temos nesse, e nos vários outros documentos da Santa Sé, princípios e objetivos para a ação: adquirir mútuo conhecimento, buscar maior fraternidade entre os povos, promover a justiça e a liberdade religiosa. Enriquecer-se mutuamente. Trabalhando para concretizar estes objetivos somos chamados também a lutar, hoje e sempre, pela paz tão almejada pelo mundo.

Entretanto, a nossa realidade é desafiante e, especialmente entre os jovens, há crescente desânimo, marcado por desencantos, desemprego e frustrações. As forças da paz da ONU parecem impotentes contra o ódio e a violência das guerras em curso. Em vários países o terrorismo continua martirizando o povo. Por outro lado, a cobiça e o desatino poluem rios, devastam florestas, desgastando

sempre mais o planeta, apesar do alerta constante dos que defendem a ecologia.

Queremos recordar sempre o passado, ele faz parte da nossa vida, da nossa história. E, muitas vezes, ele não trás boas recordações. Devemos recordar, não com sentimentalismo, mas para não repetir os mesmos fatos. Todos sabemos que existem extremistas religiosos e políticos em todos os grupos e eles são perigosos porque têm, em comum, o ódio. Vamos resgatar a história e determinar um novo perfil de paz e de segurança para a humanidade, pois o diálogo interreligioso só tem sentido quando ele está a serviço da humanidade.

“Condenamos todo e qualquer ato e manifestação negativos ou atentatórios a qualquer denominação religiosa, etnia ou sexo, afirmando por todos os meios a solidariedade entre os seres humanos” (Assembléia Anual 95 - AA 95).

Para se conseguir a Paz é preciso que haja Justiça. Para que exista a Justiça, o Diálogo é indispensável. O Diálogo é o caminho da Paz.

O Brasil a caminho do Diálogo

Três eventos marcam a caminhada do Brasil rumo ao Diálogo Cristão - Judaico:

1. Em 1962, nascia o *Conselho de Fraternidade Cristão-Judaica, CFCJ*, em São Paulo, com a finalidade

de estreitar os laços fraternos entre judeus e cristãos, através das atividades culturais e religiosas e tendo como objetivo: conhecimento mútuo e difusão dos laços comuns entre as religiões judaica e cristã.

2. Em 1981, foi criada, por iniciativa da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Brasília, *Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico Judaico, DCJ-CNBB*. Ela atua a partir de Brasília e de S. Paulo e tem como um dos seus objetivos: “estimular as lideranças religiosas católicas e judaicas do país para que incentivem o diálogo religioso em suas respectivas comunidades e rejeitem todas as iniciativas contrárias à prática do diálogo”.

3. O mais recente é o grupo conhecido como a *Ala Jovem Cristão-Judaica*, que faz parte do *CFCJ*. Nasceu em 1997, para ajudar jovens cristãos e judeus a compreenderem e a praticarem o Diálogo Inter religioso.

Desde a criação dos dois grupos, mais antigos - *CFCJ* e *DCJ-CNBB* - e, mais recentemente, da *Ala Jovem*, aconteceram e vêm acontecendo inúmeras atividades, tais como: encontros fraternais, assembléias, pronunciamentos, celebrações inter-religiosas e publicações, o surgimento de vários núcleos regionais do *DCJ* e *Fraternidades Cristão-Judaicas* em outras cidades.

COMISSÃO NACIONAL DE DIÁLOGO RELIGIOSO CATÓLICO/ JUDAICO DA CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL DCJ-CNBB

O trabalho do DCJ-CNBB tem como fundamento os mesmos princípios de *Nostra Aetate*, acima mencionados. Nos seus 17 anos de existência o DCJ-CNBB preocupou-se, inicialmente, com a compreensão do que seria o Diálogo para católicos e judeus aqui no Brasil. O documento *Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil, Coleção Estudos da CNBB, n. 46*, é uma resposta a essa preocupação.

Em um segundo momento, a Comissão procurou ampliar seu trabalho através da criação de Núcleos Regionais do DCJ em algumas cidades do Brasil: Manaus, Belém, Recife, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, São Paulo. Em três dessas cidades, Rio, São Paulo e Belo Horizonte, o trabalho dos Núcleos é assumido pelas *Fraternidades Cristão/Judaicas*.

Ao celebrar o 25º aniversário de *Nostra Aetate*, 1990, o DCJ-CNBB iniciou mais uma etapa de sua caminhada: as Assembléias Anuais para as quais são convidados membros de todos os Núcleos Regionais e pessoas que se interessam pelo Diálogo Católico/Judaico. Já foram realizadas nove Assembléias Anuais em diferen-

tes cidades do país. A preparação de cada encontro fica a cargo da Comissão em colaboração com o Núcleo da cidade escolhida e das comunidades locais

As Assembléias Anuais são dois dias de *revisão*, de *troca de experiências e de estudo*. Ocasão também de tomada de *resoluções* que são, em geral, orientações para os trabalhos do ano seguinte, em todo o país.

Através das *resoluções* das Assembléias Anuais desses últimos nove anos, destacam-se preocupações em relação a três áreas: formação, divulgação e atuação.

A *formação*: tem se procurado promover cursos com a finalidade de “incentivar a formação para o Diálogo, criar multiplicadores: Padres, Rabinos, Seminaristas e Professores de religião” (AA 97). E ainda “manifestar o compromisso de todos os presentes na defesa incondicional da vida e da dignidade humana e, conseqüentemente, promover a educação para o diálogo religioso, e através dela, a formação de uma mentalidade aberta aos valores éticos e morais, aos vínculos históricos e teológicos e à convivência fraterna entre as comunidades judaica e católica” (AA 92).

Recentemente, na IX Assembléia Anual, durante a tarde de estudo sobre documento “*Nós recordamos: uma reflexão sobre a Shoá*” tomamos consciência do caminho que ain-

da. resta a percorrer nessa área. E, para nós, no Brasil, há também algo a ser feito: “à luz do estudo da Igreja sobre a Inquisição, e tendo em vista que o ano 2000 coincide com os 500 anos de Descobrimento do Brasil, os Núcleos do DCJ desenvolverão estudos sobre as relações entre o Judaísmo e o Cristianismo, nesse período. (AA 98).

A *divulgação* é de suma importância para o Diálogo, por isso uma das Assembléias decidiu: “criar uma ‘Home Page’ para o Diálogo Católico Judaico e utilizar mais o correio eletrônico” (AA 97). E como compromisso desta resolução temos já duas Home Page que procuram divulgar o Diálogo. Em São Paulo: <http://www.cidadanet.com.br/reconciliacao>, e no Rio de Janeiro: <http://www.riototal.com.br> Hoje, os meios de comunicação são importantes na formação de opinião, por isso, pensou-se, também, que seria muito bom e oportuno, “realizar programas na Rede Vida de TV envolvendo, tanto quanto possível, os Núcleos Regionais” (AA 97). Na prática, vários programas de rádio e TV têm sido apresentados com ampla divulgação em todo o país.

A *atuação* do Diálogo, poderíamos dizer, é o testemunho vivo, o seu gesto profético. E acreditamos que isso é possível. Em consequência, um compromisso foi assumido: “perante o processo de *globalização* e as tendências atuais da economia, a Assem-

bléia conclama todos os participantes do Diálogo a refletirem sobre os desafios que tal processo e tendências apresentam para as nossas tradições religiosas, especialmente no campo ético. A Assembléia espera que essa reflexão conduza a propostas concretas para promover um maior respeito da pessoa humana e suas diferenças no atual contexto globalizante” (AA 96).

Diante de *campanhas políticas preconceituosas*, foi “reivindicado a atenção dos Tribunais Regionais Eleitorais, bem como e em especial do Tribunal Superior Eleitoral, medidas preventivas contra a veiculação de preconceitos e expressões racistas” (AA 94).

Frente à *tendência fundamentalista* que atualmente tem deixado muitas pessoas e setores de comunidades preocupados, o DCJ “propõe continuar cultivando o espírito de compreensão e respeito às identidades e diferenciações pessoais e às livres opções religiosas e culturais, salvaguardando acima de tudo os direitos e as liberdades fundamentais de todos os seres humanos” (AA 93).

E, comemorando os *50 Anos do Término da Segunda Guerra Mundial* “manifestou sua esperança que as nações e os organismos internacionais saberão repudiar, reagir e impedir o desenvolvimento a todo movimento racista e organização neonazista” (AA 95).

O DCJ-CNBB há vários anos preocupa-se com uma maior aproximação das *três religiões abrahâmicas*. A primeira manifestação aconteceu em 96: “é preciso dar passos necessários para estabelecer mecanismos de diálogo (judeus, cristãos e muçulmanos) no Brasil, como preparação para o jubileu do ano 2000”. E “não deixar cair o ‘sonho’ do Triálogo na preparação para o 3º. Milênio” (AA 97). E isso se tornou realidade. Mesmo sendo um pequeno passo, já faz parte da nossa história. Aconteceu em uma das seções da IX Assembléia. “Os Filhos de Abraão: a tolerância numa sociedade intolerante” foi o tema abordado. Mas, é preciso continuar a “promover e intensificar o diálogo entre as religiões abrahâmicas, Judaísmo, Cristianismo e Islamismo, como ocorreu neste encontro” (AA 98).

Concluo esta parte fazendo minhas as palavras seguintes: “prosseguir na defesa e na prática efetiva do diálogo religioso, através da convivência fraterna pela promoção da justiça e a construção da paz” (AA 93).

Como tornar o Diálogo uma Realidade

As Assembléias marcam o ritmo anual do Diálogo Católico-Judaico. Mas, muitas outras atividades são promovidas em São Paulo e em diferentes cidades, pelos Núcleos Regionais do DCJ.

Diálogo da Vida

Encontros mensais para planejamento e realização de atividades diversas proporcionam a criação de laços de fraternidade, de respeito e conhecimento mútuo. Visitas mútuas, Igreja-Sinagoga, participação na celebração de festas religiosas têm se multiplicado e é uma riqueza para ambas as partes. Quando as portas de um templo se abrem e pessoas de diferentes tradições religiosas aí são acolhidas, o muro da separação se rompe, criam-se laços de fraternidade e os primeiros passos começam a serem dados em benefício da humanidade.

Diálogo das Obras

“Cristãos e membros de outros credos colaboram em vista do desenvolvimento integral e da libertação dos povos”.

Por ocasião da IX Assembléia Anual, realizada na cidade de Curitiba, a *Congregação Israelita do Paraná*, prestou sua homenagem a *Dr^a. Zilda Arns Neumann, Presidente da Pastoral da Criança, no Brasil*, com o *Prêmio Destaque Comunitário*. Trata-se de um trabalho fundado e liderado por essa médica pediatra em defesa da vida de milhões de crianças brasileiras. Hoje, seu trabalho já ultrapassou as fronteiras do país. É preciso sempre “eliminar toda teoria

ou prática que introduz discriminação entre as pessoas”, não importa idade, sexo ou nacionalidade.

O salão nobre da Congregação Israelita Paulista estava super lotado no dia 29 de março de 1998: judeus e cristãos, pessoas simples do povo e autoridades. Uma única finalidade os reunia: prestar uma *Homenagem de Gratidão a Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns*. Belíssima cerimônia promovida pela *Congregação Israelita Paulista e pela Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico/Judaico – CNBB*.

D. Paulo muito apoia o Diálogo Interreligioso e, em consequência, “abriu as portas da Arquidiocese de São Paulo e incentivou seus correlegionários a dialogarem com adeptos de outros credos”.

Uma das características do ministério de D. Paulo tem sido sua incansável luta pela defesa dos Direitos Humanos. “Cidadão internacional, surgiu como o homem certo na hora necessária. No momento do recrudescimento da ditadura militar, sua voz e sua coragem se irradiam de São Paulo para o Brasil e para o mundo, para denunciar os horrores do autoritarismo”.

As palavras do presidente da Congregação Israelita Paulista ilustram bem o diálogo das obras, acima mencionado: “Os judeus são intolerantes com a intolerância. O senhor, D. Paulo, também o é. O senhor não suporta a discriminação. Qualquer

uma. Os judeus também não. O senhor quer a liberdade dos homens, em todos os sentidos. Os judeus também”.

Aqui vale lembrar dois pontos fundamentais:

a) A Declaração “*Nostra Aetate*” § 5: “Não podemos, na verdade, invocar a Deus como Pai de todos, se recusarmos o tratamento fraterno a certos homens, criados também à imagem de Deus. ...Elimina-se assim o fundamento a toda teoria ou prática que introduz discriminação entre homem e homem, entre povo e povo, com relação a dignidade humana e aos direitos dela decorrentes”.

b) Os assim chamados *10 pontos de Seelisberg* afirmam no n.4 “tenha-se presente que o principal mandamento do cristianismo, o amor de Deus e do próximo, anunciado no Antigo Testamento e confirmado por Jesus, obriga igualmente, cristãos e judeus, em todas as relações humanas”.

O Núcleo Regional do DCJ, em Recife, lidera um trabalho com os cegos: cristãos, de várias denominações, e judeus colaboram com uma Escola de Cegos promovendo lazer e capacitação profissional para os alunos.

Diálogo do Intercâmbio Teológico

“Para se ter mútuo conhecimento e apreço, poderá ele ser obtido principalmente pelos estudos bíblicos e teológicos e ainda por diálogos fraternos...”

Os temas trabalhados nas Assembléias Anuais do DCJ-CNBB proporcionam a todos um intercâmbio teológico que muito enriquece aos participantes.

No Rio de Janeiro, ligado à Universidade Católica, o Centro Loyola, dentro de sua programação cultural e religiosa, vem sempre promovendo cursos, debates e palestras sobre temas de interesse do Diálogo Católico/Judaico. para que se cumpra a Declaração Conciliar. “Ter cuidado, da parte de todos, para que, tanto na catequese como na pregação da Palavra de Deus, não se ensine algo que não se coadune com a verdade evangélica e com o espírito de Cristo.” (NA 4).

É neste intuito que, em 1998, o DCJ-CNBB organizou, em São Paulo, o curso: *Formação para o Diálogo*. Foram seis manhãs de sábados com especialistas das comunidades católica e judaica. O conteúdo apresentado em dois blocos: Panorama Histórico das Relações entre Judaísmo e Cristianismo; Festas e Liturgia Judaicas e Liturgia Cristã. Para concluir, uma visita orientada à Sinagoga Adat Ischurum. O curso contou com a participação de pessoas de diferentes denominações cristãs.

Diálogo da Experiência Religiosa

É do conhecimento de todos as dificuldades em que se encontra o Tibet. Numa das peregrinações de

Monges Tibetanos no país foi organizada uma programação cultural e religiosa. Ao mesmo tempo, a visita foi ocasião de denúncia das perseguições que aquele país vem sofrendo. O DCJ-CNBB, com outros grupos, promoveu e participou da Celebração Interreligiosa, “Abraço das Tradições”, comemorando o Ano da Tolerância. Esta cerimônia foi realizada, ao ar livre, numa manhã de Domingo, na Praça da Paz, espaço reservado para eventos culturais. Participaram do evento líderes religiosos de várias religiões e um público de quinze mil pessoas.

O Conselho de Fraternidade Cristão Judaico há anos vem organizando Celebrações do Seder com a presença e participação de pessoas de diferentes denominações religiosas. Isto tem ajudado na caminhada e no esclarecimento de nossa herança comum. Recentemente com a criação da Ala Jovem, as celebrações têm sido mais frequentes e de acordo com o tempo litúrgico: Pessah, Sucot e Chanucá.

Conclusão

Fica a pergunta para cada um(a) de nós: a aproximação do terceiro milênio significará para nós mera continuidade de uma história de egoísmo, guerras, discriminação e desrespeito a Deus e as pessoas? Ou será para a humanidade o início de uma nova fase em que iremos aprendendo, cada

dia mais, a conviver com o pluralismo, a viver a fraternidade e a confiança filial em Deus.

Bibliografia

- COMPENDIO VATICANO II, Declaração *Nostra Aetate*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- JOÃO PAULO II, *Cruzando o Limiar da Esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- JOÃO PAULO II, *Tertio Millennio Adveniente*, Carta Apostólica de Sobre a preparação para o Ano 2000. São Paulo: Paulinas, 1994.
- PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTERRELIGIOSO, *Diálogo e Anúncio*. São Paulo: Paulinas, 1996
- CNBB-Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico-Judaico, in: *Revista de Cultura Teológica*, Ano III, N.10. São Paulo: 1995
- CNBB, *Guia para o Diálogo Católico-Judaico no Brasil*, Estudos da CNB, n. 46. São Paulo: Paulinas, 1986.

- CNBB, *Guia para o Diálogo Interreligioso*, Estudos da CNBB, n. 52. São Paulo: Paulinas, 1987.
- BORA M. Adriana et alii, *Ebreo Fratello Nostro*. Milano: Ancora, 1994.
- TEIXEIRA, Faustino, *Teologia das Religiões, uma visão panorâmica*. São Paulo: Paulinas, 1995.
- SWIDLER Leonard, *Cristãos e Não-Cristãos em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 1988.

Padre José Bizon é padre da Arquidiocese de São Paulo, Diretor da Casa da Reconciliação. Encarregado da Dimensão Ecumenismo e Diálogo Religioso na Arquidiocese e no Estado de São Paulo e Coordenador da Representação Católica da Comissão Nacional de Diálogo Religioso Católico/Judaico, DCJ-CNBB. O Coordenador da Representação Judaica da mesma Comissão é Rabino Henry I. Sobel, presidente do Rabinato da Congregação Israelita Paulista.

O SACRAMENTO DA RECONCILIAÇÃO

Côn. Dr. José Adriano

1. INTRODUÇÃO/DEFINIÇÃO

O Catecismo da Igreja Católica afirma que o Sacramento da Reconciliação é um *Sacramento de Cura*. De fato, Jesus que é o médico de nossas almas (Cf. Mc 2,1-12), nos restitui a saúde e nos dá a salvação plena através da Igreja, na força do Espírito Santo (Cath. 1421).

O Sacramento da Reconciliação é destinado a todos os cristãos que, apesar de remidos por Cristo no Batismo, voltaram a pecar gravemente contra Deus (CIC 959). O pecado não possui a palavra definitiva pois Deus, que é rico em misericórdia, está sempre pronto a acolher, perdoar e reintegrar na sua amizade o filho pródigo. De fato, "aqueles que se aproximam do Sacramento da Penitência obtêm da misericórdia divina o perdão da ofensa feita a Deus e ao mesmo tempo são reconciliados com a Igreja que feriram pecando, e a qual colabora para a sua conversão com caridade, exemplo e orações" (LG 11).

2. NECESSIDADE DESTESACRAMENTO

Pelo primeiro sacramento, o Batismo, fomos lavados de todas as culpas e revestidos de Cristo. O coração humano se tornou *templo do Espírito Santo* e a própria pessoa

humana se tornou filho de Deus. De fato, somos "santos e irrepreensíveis diante de Deus" (Ef 1,14) como também a Igreja é "santa e irrepreensível" (Ef 5,27). Apesar disso, a nova vida recebida na iniciação cristã não suprimiu a fraqueza da natureza humana, nem a inclinação ao pecado (Cf. Cath. 1426). Por isso São João pode dizer: "Se dissermos que não temos pecado, enganamo-nos a nós mesmos, e a verdade não está em nós" (1Jo 1,8). É verdade que, nos sacramentos, recebemos a vida nova de Cristo, porém a trazemos em "*vasos de argila*" (2Cor 4,7).

Pelo batismo, o cristão entra numa vida de santidade. O Novo Testamento dá aos cristãos o nome de "santos". Quando um cristão comete um ato pecaminoso ou escandaloso, a comunidade se sente ferida.

Uma vez que a pessoa entrou na vida nova, voltar aos pecados da vida anterior é uma contradição. Desde o início, porém, essa contradição aparece. Os evangelhos e as cartas dos apóstolos falam da situação da comunidade onde ocorrem pecados, e até pecados escandalosos. Em muitos casos os pecadores eram excluídos da comunidade. O número de fiéis na Igreja foi aumentando sempre mais e com a multiplicidade dos pecados e o arrependimento dos pecadores, surgiu a necessidade de uma reconciliação.